

REPRESENTATIVIDADE, AUTOESTIMA E IDENTIDADE: UM COMPROMISSO COM A FORMAÇÃO ANTIRRACISTA DAS CRIANÇAS

REPRESENTATIVITY, SELF-ESTEEM, AND IDENTITY: COMMITMENT TO CHILDREN'S ANTI-RACIST EDUCATION

Élen Mary Jesus Santana¹

RESUMO

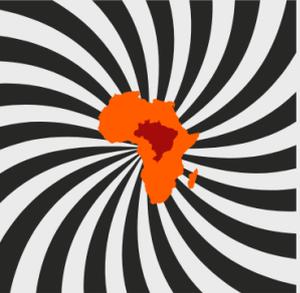
Este trabalho surgiu da minha experiência como educadora de uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental I, destacando a importância da construção da autoestima em crianças negras e da valorização da diversidade fenotípica, para que, no futuro, uma criança empoderada não precise validar suas características em um mundo que hierarquiza e privilegia apenas uma estética. O objetivo é entender como a literatura negra contribui para a construção da autoestima das crianças. Crianças negras e não negras precisam ter acesso a narrativas que possibilitem o reconhecimento e a valorização da pluralidade de características e culturas. A Lei 10.639/03 institui a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira na educação básica e consideravelmente projetos são implementados para garantir a aplicação desta lei, com o intuito de combater o racismo e tornar a escola um ambiente mais acolhedor. Assim, questiona-se: de que forma a literatura negra contribui para a educação antirracista das crianças no Ensino Fundamental I, promovendo a representatividade e a autoestima? A pesquisa adota uma abordagem qualitativa com revisão de literatura para destacar a importância de integrar diversas representações na literatura para a formação das crianças, a partir dos livros: “Bucala, a Pequena Princesa do Quilombo do Cabula”, (2019) de Davi Nunes; “Meu Crespo de Rainha”, de bell hooks (2018); e “Ei, Você!”, de Dapo Adeola (2021), com a intenção de trabalhar a estética, o respeito e a cultura negra, envolvemos leitura, produção artística e exposição dessas produções. Concluímos que trabalhar com literaturas negras nas escolas tem um grande potencial para estimular os estudantes a respeitar as subjetividades e promover uma compreensão mais inclusiva.

PALAVRAS-CHAVE: Autoestima. Educação Antirracista. Representatividade.

ABSTRACT

This work arose from my experience as an educator of a 4th grade class of Elementary School I, c This work arose from my experience as an educator of a 4th grade class in Elementary School I. I believe that it is necessary to teach black children to develop self-esteem, but also to educate them collectively about the appreciation of phenotypic diversity, so that, in the future, an empowered child will not need to validate his or her characteristics in a world that hierarchizes and privileges only one aesthetic. The present research aims to understand how black literature contributes to the construction of children's self-esteem. We know that, in the school environment, they are exposed to racial discrimination and that one measure to help in the construction of identity is the access to positive representations offered by literature, which stimulates both the visual and cognitive aspects of children. These representations are presented for the formation of black and non-black children, allowing them to understand and know their culture, see themselves represented and recognize the plurality of characteristics. Law 10.639/03 establishes the mandatory teaching of Afro-Brazilian culture in basic education and considerable projects are implemented to ensure the application of this law, with the aim of combating racism and making schools a more welcoming environment. Thus,

¹ Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (PGEDU/UFBA). Especialista em Gênero, Etnia, Raça e Sexualidade pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (Uninter). E-mail: elenmaryjesus@gmail.com.



this article seeks to answer the following question: how does black literature contribute to the anti-racist education of children in Elementary School I, promoting representation and self-esteem? The research adopts a qualitative approach with a literature review to highlight the importance of integrating diverse representations in literature for the education of children, based on the books: “Bucala, a Pequena Princesa do Quilombo do Cabula”, (2019) by Davi Nunes; “Meu Crespo de Rainha”, by bell hooks (2018); and “Ei, Você!”, by Dapo Adeola (2021). With the intention of working on aesthetics, respect and black culture, we involve reading, artistic production and exhibition of these productions. We conclude that working with black literature in schools has great potential to encourage students to respect subjectivities and promote a more inclusive understanding.

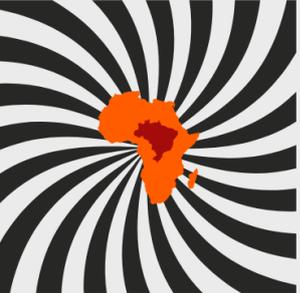
KEYWORDS: Self-esteem. Anti-racist education. Representation.

1 INTRODUÇÃO

Durante o período em que trabalhei como educadora em uma turma do Ensino Fundamental I, busquei (re)criar estratégias que promovessem o empoderamento das crianças, tanto dentro quanto fora do espaço escolar. Entendo que, em uma sociedade onde o racismo ainda faz inúmeras vítimas, é preciso estimular nas crianças a valorização de sua cultura e ancestralidade, bem como promover o respeito à diversidade de culturas, religiões, modos de ser, de vestir, entre outros. Foi na vivência cotidiana da sala de aula que observei o quanto é importante estimular a representatividade nas crianças. Para o desenvolvimento deste artigo, o primeiro passo foi compreender como a decolonialidade pode operar na construção de novos saberes, rever peças históricas da comunidade negra e valorizar esses conhecimentos no ambiente escolar. Segundo Bernardino (2018), a decolonialidade é um projeto de articulação que busca ressignificar a cognição, enfrentando os efeitos da colonialidade. O segundo passo consistiu em entender a importância da construção da autoestima para a formação integral dos/das discentes. O ambiente escolar é um espaço que favorece o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e psicológico. Contribuir para essa formação implica também a estruturação da identidade de cada indivíduo, promovendo saberes que incluem a todos/as, algo imprescindível em um contexto escolar plural.

Por fim, o terceiro passo foi abordar a relevância da educação antirracista e a necessidade de implementá-la para combater o racismo, destacando seu papel essencial na construção de uma sociedade mais justa e democrática

A pesquisa visou responder à seguinte pergunta: de que forma a literatura negra contribui para a educação antirracista das crianças no Ensino Fundamental I, promovendo a representatividade e a autoestima? O objetivo é entender como a literatura negra tem contribuído para a construção da autoestima das crianças. Especificamente, analisaremos como a educação



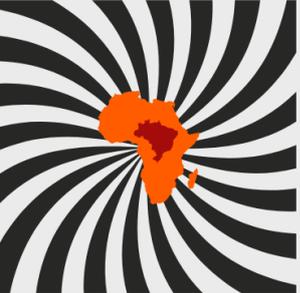
antirracista pode ser utilizada para promover um ambiente escolar com mais representações e buscaremos compreender como o acesso à representatividade é crucial no processo de construção da identidade.

Este projeto é uma revisão de literatura. Segundo Matar e Ramos (2021, p.37), “uma revisão de literatura busca elaborar uma síntese de pesquisas sobre determinado tema, buscando produzir novos conhecimentos”. Esse processo permite ao/à pesquisador/a compreender as particularidades de seu estudo à luz de outros autores, fundamentando o projeto com diferentes concepções e perspectivas. Assim, é possível produzir um trabalho baseado nesses novos conhecimentos.

Considerando que estamos tratando de um contexto social, a ideia não é quantificar os elementos analisados, mas qualificá-los para uma compreensão mais aprofundada do impacto das vivências. De acordo com Segundo Mattar e Ramos (2021), a pesquisa qualitativa nos possibilita explorar e descrever questões que estão inseridas na realidade social, composta por seres humanos que pensam, agem e interpretam suas ações dentro da realidade em que vivem e que é compartilhada com os demais.

Este artigo defende que a escola pode impactar comunidades e reformular concepções, proporcionando oportunidades educacionais para todos/as. A partir deste trabalho, podemos compreender os avanços da educação antirracista e as concepções da decolonialidade para a educação, transformando e criando estratégias para um ensino com representações mais diversas dentro da sala de aula. Isso não significa apenas falar sobre racismo, mas também dar visibilidade aos saberes que vão além dos europeus, iluminando comunidades que foram por muito tempo apagadas, o que, de acordo com Carneiro (2005), se configura como epistemicídio.

A coleta de dados se desenvolve a partir da análise de dissertações, artigos e livros que mostram a crescente importância da construção de representações positivas na educação. Destacamos três trabalhos que tratam do tema, o primeiro de Oliveira (2023), que discute, em sua dissertação, a importância de uma abordagem significativa e positiva da literatura infantil, abordando também a educação antirracista e uma perspectiva feminista, temas que se entrelaçam e são fundamentais para a estruturação do ser no processo formativo. E a segunda, Vieira (2021), que aponta como trabalhar com a educação antirracista e destaca a importância da literatura em sua vida, mostrando como os livros podem alcançar as pessoas. Ela sugere livros infantis que abordam positivamente a negritude na educação infantil, uma fase crucial para a continuidade dos elementos cognitivos, ampliando, assim, o leque de livros que compõem o imaginário das crianças.



Observar a prática e criar projetos que atendam às necessidades de uma sala ou de uma escola tem sido o objetivo dos/das educadores/as. Questionar-se sobre como mudar a realidade educativa e trabalhar para consolidar uma sociedade mais justa e democrática são metas fundamentais. No terceiro, Lima (2023, p. 17) traz essa ideia ao enfatizar, por exemplo, a importância de um clube de leitura que vise “a formação de leitores e a valorização da leitura, estimulando o hábito leitor a partir de uma proposta diversificada em relação a autores e temáticas”. Respeitando seus alunos/as, desenvolveu seu projeto pensando em questões étnicas, estéticas e na educação antirracista.

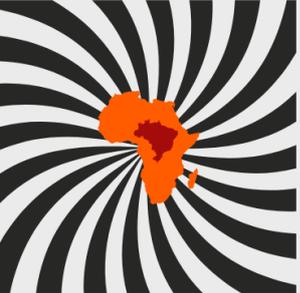
2 REPRESENTATIVIDADE, AUTOESTIMA E IDENTIDADE

Este trabalho surgiu a partir da minha experiência como educadora de uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental I, composta por crianças de 9 a 10 anos. No ano de 2023, quando ingressei no curso de especialização em Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade, na Formação de Educadoras/es, tive a oportunidade de ampliar meus conhecimentos sobre temas que frequentemente aparecem no ambiente escolar, mas que muitos educadores não conseguem lidar de maneira adequada.

Uma das questões que mais me incomodava como educadora era a relação entre os/as alunos/as. Observei que alguns/as alunos/as negros/as se sentiam inferiorizados/as por suas características físicas, além de serem alvo de comentários desrespeitosos por parte dos colegas. Busquei compreender o processo cognitivo vinculado a essa situação e identificar como poderia intervir, promovendo o respeito às diferenças, o empoderamento e a construção identitária.

Algo que muito me ajudou nesse processo, além de entender o desenvolvimento infantil, foi analisar as estruturas educacionais e sociais. Ao estudar Bernardino e Grosfoguel (2016), compreendi a importância de criar estratégias contra as barreiras impostas pela colonialidade e pelo eurocentrismo. Na perspectiva do projeto decolonial, as fronteiras não são apenas espaços nos quais as diferenças são reinventadas, elas são também enunciativas dos quais se formulam conhecimentos a partir de cosmovisões e experiências dos sujeitos subalternos.

Permeada pela concepção da decolonialidade, busquei mais referências que me permitissem conceber, na sala de aula, uma perspectiva diferente e produzir um projeto que alcançasse as crianças. Cada turma é diferente, e os projetos se desenvolvem de acordo com aquilo que desejamos atingir. O racismo é um preconceito enraizado nas estruturas da escola, mas é importante entender



que não existe uma fórmula única para combatê-lo. Por isso, é preciso compreendê-lo e traçar estratégias para enfrentá-lo no cotidiano.

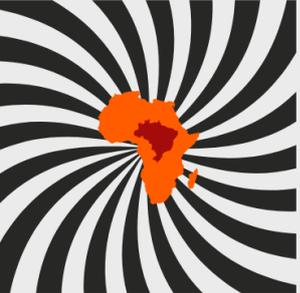
A criança inserida em uma sociedade estruturalmente racista pode desenvolver comportamentos e falas discriminatórias, pois, nos momentos em que deveria agir corretamente, ela se baseia em exemplos internalizados que dificultam a distinção do que é certo. Ela passa por uma fase de desenvolvimento em que, “em torno dos dez, onze e doze anos, a criança passa a conceber a si mesma como possível agente no universo moral, capaz de, mediante relações de reciprocidade com outros, estabelecer e defender novas regras” (Queiroz; Lima; 2010, p, 122). No entanto, para conceber novas regras, elas precisam ser estimuladas em seus ambientes de suporte; caso contrário, continuarão a reproduzir comportamentos discriminatórios até que se tornem habituais.

Elas, no seu processo de formação, desenvolvem habilidades para constituir sua moral e julgar aquilo que é certo ou errado. Elas são capazes de refletir as normas sociais de seu grupo. Piaget apud Queiroz Lima (2010, p.110), em seu estudo, “procurou entender como as crianças desenvolvem o respeito pelas regras e qual a concepção de Reciprocidade e Igualdade entre os indivíduos e com a sociedade, e mais ainda, como se constroem esses conceitos de regras e de respeito mútuo”

Pessoas que não têm acesso a uma formação com representações diversificadas acabam construindo sua identidade a partir da imagem do outro de forma limitada e sem referências abrangentes. Esses processos acabam criando:

Os estereótipos, a representação parcial e minimizada da realidade, conduzem o estereotipado e representado, em grande parte, à auto-rejeição, à construção de uma baixa auto-estima, à rejeição ao seu assemelhado, conduzindo-o à procura dos valores representados como universais, na ilusão de tornar-se aquele outro e de libertar-se da dominação e inferiorização. Os sinais da auto-rejeição são visíveis nos descendentes de africanos, bem como nos descendentes de indígenas aculturados na América Latina (Silva, 2005, p.30).

Quando busquei na escola livros que pudessem abordar questões étnico-raciais e a diversidade racial na literatura infantojuvenil, não encontrei. Foi necessário comprar o material para iniciar o projeto. Naquele momento, entendi que meus alunos provavelmente passaram por uma educação infantil pautada no eurocentrismo, que constitui a base da maioria dos currículos escolares. Os estudantes negros não tiveram acesso a representações positivas e ao protagonismo das suas características. Dessa forma, consegui compreender que, “se a pessoa acumula na sua



memória as referências positivas do seu povo, é natural que venha à tona o sentimento de pertencimento como reforço à sua identidade racial” (Andrade, 2005, p. 120).

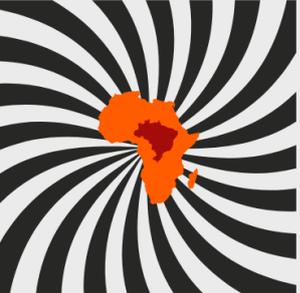
De acordo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018, p. 360), a educação compreende a formação das crianças para que “percebam e compreendam a dinâmica de suas relações sociais e étnico-raciais, identificando-se com a sua comunidade e respeitando os diferentes contextos socioculturais”. Na escola, a criança convive com outras crianças diversas, e, nesse momento de formação, é importante receber estímulos de representações que se assemelham a ela. Isso contribui para a construção da sua autoimagem, permitindo que reflita sobre si mesma, desenvolva uma autoestima saudável e, conseqüentemente, solidifique sua identidade.

A falta de pedagogias negras, segundo Andrade (2005, p. 26), “pode desenvolver também nos alunos não negros preconceitos quanto à capacidade intelectual da população negra, e, nas crianças negras, um sentimento de incapacidade”. São temas relevantes para serem trabalhados, pois isso auxilia nas relações dentro das instituições. Na construção do “eu”, por exemplo, isso só é possível quando temos acesso a um arcabouço de referências que condizem com o nosso local de pertença. Na formação da autoestima de uma criança, é de extrema importância que ela entre na adolescência e na vida adulta com confiança em sua estética, identidade, e com o reconhecimento da marca de seus ancestrais na história da sociedade.

Pensar a relação entre Educação e identidade negra nos desafia a construir, juntos, uma pedagogia da diversidade. Além de nos aproximarmos do universo simbólico e material que é a cultura, somos desafiados a encarar as questões políticas. Torna-se imprescindível afirmar que, durante anos, a sociedade brasileira e a escola distorceram e ocultaram a real participação do negro na produção histórica, econômica e cultural do Brasil, e, sobretudo, questionar os motivos de tal distorção e de tal ocultamento (Gomes, 2002, p. 43).

É possível engajar-se em pedagogias que trabalhem a desconstrução das estruturas racistas e estabeleçam elementos flexíveis para a formação intersubjetiva, permitindo que os alunos e alunas tenham experiências plurais ao longo do seu processo escolar.

A literatura afro-brasileira cresce com o propósito de elevar a imaginação das pessoas e tem como um dos seus principais objetivos ser um símbolo de representatividade positiva para o público leitor. Dessa forma, devemos ampliar nosso leque de literaturas utilizadas para promover uma educação na qual possamos encontrar referenciais pautados em etnicidades diferentes, que produzam um efeito positivo e que não contribuam para o racismo. Segundo Evaristo (2009, p.19-20) a literatura afro-brasileira



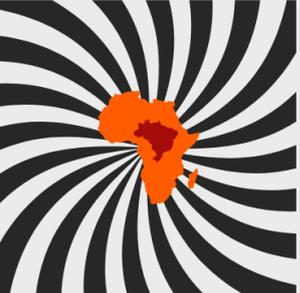
Pode-se dizer que um sentimento positivo de etnicidade atravessa a textualidade afrobrasileira. Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral.

Para elaborar o projeto, no qual o intuito foi trabalhar a estética, o respeito e a cultura negra, selecionei três livros: “Bucala, a Pequena Princesa do Quilombo do Cabula”, (2019) de Davi Nunes, que retrata a vivência de uma menina no quilombo e como ela se relaciona com sua ancestralidade e a história de resistência do seu povo; “Meu Crespo de Rainha”, de bell hooks (2018), que enaltece a diversidade de possibilidades que o cabelo crespo oferece, dando visibilidade e positivando suas texturas; e “Ei, Você!”, de Dapo Adeola (2021), que potencializa a formação da criança até a fase adulta, mostrando a resistência que existe dentro da coletividade para crescer com orgulho de quem se é. Esses livros, em conjunto, falam sobre o poder de viver em liberdade e com orgulho, respeitando as características individuais de cada um.

As literaturas negras infanto-juvenil trouxeram um repertório para os/as discentes sobre culturas, vivências, valorização das características físicas e a construção estética. Isso é importante, pois, segundo Carth (2019, p. 8), “a estética precisa ser educada para compreender que inexistem padrões preestabelecidos como sendo bom ou mal se produzidos por brancos ou negros”. Entender que no mundo, em casa ou em uma sala de aula não se pode hierarquizar os indivíduos, nem dizer que certa característica física é boa ou ruim, o que deveríamos fazer é difundir a diversidade estética para coexistir socialmente de maneira respeitosa.

O primeiro passo foi fazer com que o livro circulasse entre os alunos, sendo levado para casa para leitura. Após todos lerem, realizamos uma roda de conversa para destacar o que aprenderam de novo ou o que chamou atenção. O diálogo foi franco; alguns não conheciam a vida nos quilombos ou a diversidade de formas que um cabelo crespo pode ter. A ideia de que cabelo crespo é ruim foi ressignificada, assim como o entendimento de que chamar um colega de “macaco” é um ato ofensivo.

A segunda etapa foi uma atividade artística, na qual a missão deles era retratar em uma tela algo dos livros ou algum aprendizado que tiveram com o projeto. Trabalhamos a importância dos diferentes tons de pele, mostrando que não existe apenas o bege, além das características faciais e do cabelo.



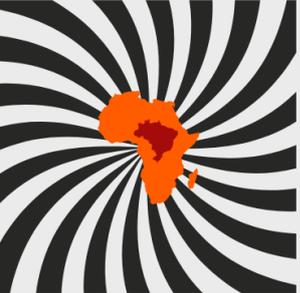
Na última etapa do projeto, a função deles foi expor suas telas no pátio da escola. Ficou acertado com a coordenação que, antes da exposição, eles apresentariam para as outras turmas o significado de suas telas, os livros que utilizaram e o que os motivou a pintar. O objetivo era que eles multiplicassem o conhecimento adquirido. Permiti que se comunicassem com os colegas no dia da exposição, e observei que conseguiram estabelecer uma forma clara de explicar. Toda a escola teve a oportunidade de ver as obras e conhecer, mesmo que parcialmente, a história dos livros contada por eles.

Algumas telas estavam com frases contra o racismo, outras enalteciam traços negros e uma tinha a representação da vida no quilombo. Eles sabiam dizer o que era certo ou errado em relação ao tratamento que muitas vezes tinham com outras crianças e como isso pode ferir o outro.

Com isso, é importante destacar que a educação é atravessada pela raça e por diversas outras questões que interferem na construção do eu. Trazer a literatura para a construção identitária fortalece as experiências cognitivas. As representações do ser na literatura, constituídas pelos seus pares com um olhar afetuoso para questões sensíveis, podem empoderar.

Entendemos que, para uma educação voltada para as relações étnico-raciais, é necessária uma formação inicial e continuada dos professores que abordam tais questões. Sabemos que crianças e jovens necessitam e merecem uma educação pluricultural e descentralizada. Nas palavras de Freire (2006, p. 41): “Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos, em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora, ensaiam a experiência de assumir-se”. Para isso, é preciso que os governantes, as escolas e as comunidades trabalhem em conjunto para a efetivação da Lei 10.639/03, que promove a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira, para que ocorra uma mudança significativa na educação e na sociedade.

Temos o compromisso de permitir que todos/as se vejam representados em livros, filmes e materiais educativos, para que sintam que suas histórias e identidades são importantes. Isso ajuda a desenvolver uma visão positiva de si mesmos/as e a fortalecer sua autoestima. Ao reduzir estigmas por meio da representatividade, podemos auxiliar no enfrentamento e no desmantelamento de preconceitos. Quando crianças de diferentes origens e características são apresentadas de maneira positiva e diversificada, isso contribui para a redução de estereótipos e para a promoção da aceitação e do respeito.



3 DECOLONIALIDADE E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Já é sabido que a escola tem um papel crucial na formação integral das pessoas. Sendo assim, este trabalho destina-se a pesquisar como a utilização de literaturas negras pode enriquecer e influir de forma significativa na construção das identidades das crianças. No entanto, precisamos entender que a escola brasileira foi construída com base em saberes que se posicionam na perspectiva eurocêntrica, e isso influenciou e ainda influencia a estruturação de corporeidades diversas dentro dos ambientes escolares. Para Bernardino (2018 p. 121), estruturalmente, “colonialidade do poder refere-se à constituição de um padrão de poder em que a ideia de raça e o racismo se constituíram como princípios organizadores da acumulação do capital em escala mundial e das relações de poder no sistema-mundo”.

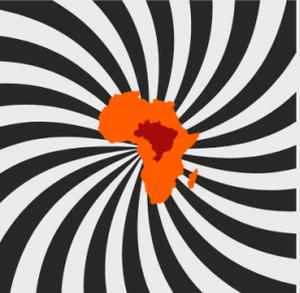
É uma agenda que visa hierarquizar e, conseqüentemente, enfraquecer as culturas, instituindo a colonialidade do saber, que se refere ao “o estabelecimento da diferença colonial e, por conseguinte, a divisão entre aqueles que se autointitulam capazes de produzir conhecimento válido e universalizável vis-à-vis àqueles incapazes de produzi-lo” (Bernardino, 2018 p. 122).

A colonialidade do ser desqualificou a diversidade para unificar e estabelecer um padrão a ser seguido. “O privilégio do conhecimento de uns tem como corolário a negação do conhecimento de outros, da mesma forma que a afirmação da existência de uns tem como lado oculto a negação do direito à vida por parte dos outros” (Bernardino, 2018, p. 123). Tudo que estivesse fora desse perfil europeu era marginalizado ou passava pelo processo de adaptação para se estabelecer no novo sistema.

O processo colonial gerou o apagamento da diversidade étnico-racial que o mundo tinha. Grupos que eram potentes passaram a ser dominados, o que produziu a falta de informação sobre diferentes raças e culturas. Esse foi um desserviço muito bem-organizado. Contudo, na contramão desse processo, Bernardino afirma que é necessário combater a colonialidade.

[...] o projeto decolonial ou giro decolonial, que se constitui numa estratégia epistêmica e política de resistência à colonialidade do poder, do saber e do ser, simultaneamente à tentativa de estabelecer um novo diálogo entre os sujeitos que experienciam o lado mais escuro e as conseqüências mais nefastas da modernidade eurocentrada (Bernardino, 2018 p. 123-124).

Em um contexto em que a sociedade brasileira é composta por uma diversidade cultural, a escola deveria se preocupar em construir um currículo que contemple todos de maneira igualitária.



Desde a Proclamação da República, várias reformas foram realizadas na educação por intelectuais influentes na sociedade, com o intuito de usar a educação para homogeneizar a sociedade. Essas ideias estavam ligadas ao epistemicídio.

O epistemicídio se realiza através de múltiplas ações que se articulam e se retroalimentam, relacionando-se tanto com o acesso e/ou a permanência no sistema educacional, como com o rebaixamento da capacidade cognitiva do alunado negro. A exclusão racial via o controle do acesso, sucesso e permanência no sistema de educação manifesta-se de forma que, a cada momento de democratização do acesso à educação, o dispositivo de racialidade se rearticula e produz deslocamentos que mantêm a exclusão racial (Carneiro, 2005, p. 114).

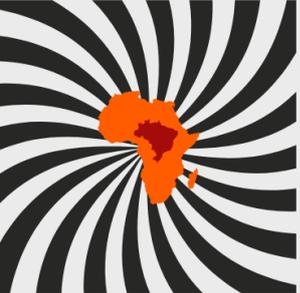
Isso traz um apagamento das características próprias da população negra e a consolidação do projeto de embranquecimento da nação com ideias eurocêntricas. Notamos a desigualdade na oferta de saberes diversificados na educação até hoje.

É necessário retomar todo esse processo histórico para entendermos o que podemos fazer daqui para frente. No entanto, leva tempo construir uma perspectiva de educação antirracista e implementar um ensino que possa ser concebido com base na realidade do educando. Em outras palavras, é preciso que faça sentido para o discente e permita uma intervenção na sociedade e uma transformação da sua realidade. Paulo Freire era um dos educadores e filósofos que concebia a educação de uma forma diferente dos demais intelectuais, considerando as questões que atravessavam os/as alunos/as.

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além de conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento [...] neutra, indiferente a qualquer destas hipóteses, a da reprodução da ideologia dominante ou a de sua contestação, a educação jamais foi, é, ou pode ser. É um erro decretá-la como tarefa apenas reprodutora da ideologia dominante como erro é tomá-la como uma força de desocultação da realidade, a atuar livremente, sem obstáculos e duras dificuldades (Freire, 2006, p. 96).

Ensinar exige comprometimento; a função do educador/a vai muito além de ensinar conteúdo. É necessário se preocupar e refletir sobre a sociedade em que vivemos, entendendo que “como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha” (Freire, 2006, p. 95).

Para combater o racismo, a educação brasileira tem o compromisso de oferecer uma formação igualitária e integral para todos/as. No que se refere às questões étnico-raciais, temos a



Lei 10.639/03, que institui a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira e africana. No entanto, é necessário entender que:

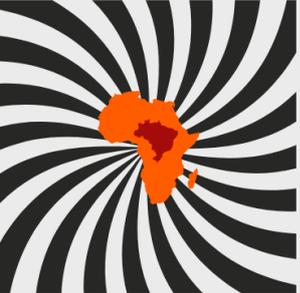
[...] o Art. 26A acrescido à Lei 9.394/1996 provoca bem mais do que inclusão de novos conteúdos, exige que se repensem relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas, procedimentos de ensino, condições oferecidas para aprendizagem, objetivos tácitos e explícitos da educação oferecida pelas escolas (Brasil, 2004, p. 17).

As políticas educacionais, para serem efetivadas, precisam de apoio para a aplicação da referida lei. O parecer 03/2004 visa elucidar as reivindicações do Movimento Negro sobre as demandas da população negra, intensificando a importância de projetos que valorizem a história africana. O parecer destina-se a toda a comunidade comprometida com a educação democrática, que reconhece a necessidade de mudanças independentemente do seu pertencimento. Todos sabem da relevância da reeducação das questões étnico-raciais para combater as discriminações no ambiente educacional e, por conseguinte, na sociedade.

Temos também a Resolução 01/2004, que oferece orientações para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Outro marco importante foi a Resolução Nº 1, de 17 de junho de 2004, que criou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Sobre essas diretrizes, temos:

Pedagogias de combate ao racismo e a discriminações elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico/raciais positivas têm como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra. Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente as negras (Brasil, 2004, p. 16-17).

Dessa forma, é importante impulsionar medidas que abordam as lutas dos povos não brancos e deem visibilidade às relações que contribuíram para a formação deste país. Em 2004, foram publicadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, colocando em pauta as questões educacionais ligadas ao povo negro, às desigualdades dentro das instituições escolares e ao comprometimento do Estado em implementar ações afirmativas que viabilizem o acesso aos conteúdos sobre a história africana e a cultura afro-brasileiro



Dito isso, a educação das relações étnico-raciais é importante tanto para negros quanto para brancos. O intuito é promover o reconhecimento da diversidade que o povo negro representa e o quanto contribuiu/contribui para o país.

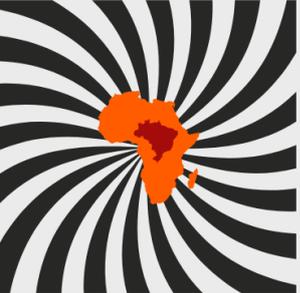
É notório, na história da população negra, os estragos causados pela colonialidade, que destruiu boa parte das marcas da cultura negra. No entanto, muitos/as homens e mulheres negras resistiram e se reinventaram ao longo dos anos, não permitindo o apagamento das histórias dessa população. Os povos não europeus sofreram com apagamentos culturais ao longo da história, o que interpretamos como “epistemicídio” (Carneiro,2005). Precisamos fomentar a (re)elaboração de concepções que estimulem a compreensão da diversidade étnico-racial dentro da escola.

[...] quando pensamos a escola como um espaço específico de formação inserida num processo educativo bem mais amplo, encontramos mais do que currículos, disciplinas escolares, regimentos, provas, testes e conteúdos. Deparamo-nos com diferentes olhares que se cruzam, que se chocam e que se encontram. A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las (Gomes, 2002, p. 39).

Para começar um projeto antirracista, os/as educadores/as precisam ter sensibilidade para os anos de formação que o Brasil tem e entender que não é do dia para a noite que estruturas serão mudadas. Como dizia Freire (2006, p. 78), “não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos”. A mudança na educação, começa com a atitude revolucionária e contínua dos/as professores/as.

[...] um dos primeiros passos a ser dado pelas educadoras e pelos educadores que aceitam o desafio de pensar os vínculos entre educação e identidade negra seja reconhecer que qualquer intervenção pedagógica a ser feita não pode desconsiderar que, no Brasil, vivemos sob o mito da democracia racial e padecemos de um racismo ambíguo (Gomes, 2002, p. 4).

O combate ao racismo muitas vezes começa com a discussão sobre o racismo, possibilitando debates e utilizando exemplificações que fortaleçam e incentivem a perspectiva da diversidade racial na sociedade. Os/as educadores/as que compreendem que temos “a tarefa pedagógica, política e social de desnaturalizar as desigualdades raciais como um dos caminhos para a construção de uma representação positiva sobre o negro e de uma pedagogia da diversidade” (Gomes, 2002, p. 42).



Quando colocamos uma criança na escola, ela estará em um ambiente constituído por pessoas diferentes. Se essa criança compreende que existem pessoas com cabelos diferentes, raças e culturas, essas características não serão hierarquizadas, fortalecendo a compreensão do respeito. Porém, a escola está repleta de “concepções e práticas pedagógicas repletas de valores e representações negativas sobre o negro, resultando muitas vezes na introjeção do fracasso e na exteriorização do mesmo pelos alunos e alunas” (Gomes, 2002, p. 42). A instituição não atenderá às necessidades desse/a estudante se não repensar suas práticas e metodologias.

Para promover uma mudança na sociedade, é necessária uma educação democrática que combata o racismo desde a infância. Por isso, precisamos incentivar projetos antirracistas que melhorem a desigualdade racial, buscando conteúdos que valorizem e enalteilam a diversidade.

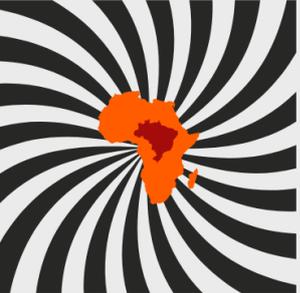
Desse modo, para que as crianças contemplem o universo de representatividades presente na nossa sociedade, as pedagogias negras são elementos fundamentais a serem inseridos na educação. Elas possibilitam a inclusão de saberes de uma comunidade tão rica e podem auxiliar na construção identitária das crianças. As pedagogias negras

[...] tratam de experiências formativas nas quais aprender-ensinar-criar não são apenas partes de um processo circular infinito e ininterrupto. Elas são o conhecer, o executar e o sentir vivido pelos sujeitos e grupos sociais negros, são experiências que formam pensamentos e ações estimulando a busca de práticas humanizantes, dos sujeitos em suas diferenças, e humanizadas, para reconhecer os outros em sua diversidade (Sotero; Pereira; Santos, 2021, p. 1315).

Corporeidades diferentes compõem a formação deste país, e a Constituição estabelece o direito à igualdade, o que se aplica também aos conhecimentos trabalhados no ambiente educacional. Entendendo que a sociedade brasileira é marcada pelo racismo, é importante que os/as educadores/as assumam um compromisso para desenvolver os conhecimentos africanos e da cultura afro-brasileira.

4 CONCLUSÃO

Meu trabalho como educadora é estar sempre atenta ao que pode beneficiar meus discentes e este projeto foi uma forma de auxiliá-los a encontrar um caminho para conviver com as diferenças. Espero que, em algum momento da vida, eles possam usar os exemplos que dei para modificar certos comportamentos.



Conseguí adquirir mais conhecimento nesse processo por estar motivada a construir um olhar mais sensível para ensiná-los a lidar com aquelas situações sem puni-los. Inspirei-me nas elaborações de outros educadores; a iniciativa deles me motivou e continua me motivando a acreditar que o racismo se destrói com paciência. Muitos lutaram para estarmos aqui, e entender que também posso lutar e ajudar outros é inspirador.

As crianças são o futuro, mas somos nós que devemos conscientemente nos movimentar para construir caminhos para mudança, é no presente que se constrói o futuro melhor. Nesse processo, vamos aprendendo com elas. Este e inúmeros outros trabalhos têm o compromisso de ampliar práticas educativas democráticas que pensam e prezam pela constituição do ser. A escola não é apenas um espaço de formação, poisé também um ambiente que pode estabelecer novas formas de saber, respeitando e valorizando a identidade e a diversidade.

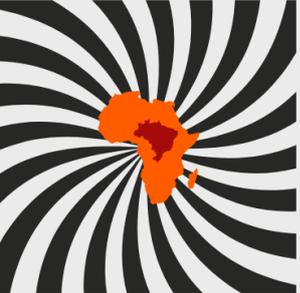
Que este e outros trabalhos possam impulsionar as pessoas a (re)pensar suas práticas em sala de aula e fora das escolas, com o intuito de trabalhar cada vez mais em prol de uma educação antirracista. Para além dos conteúdos normativos que solidificam a compreensão do ser, somos atravessados por outras questões que nos impedem de alcançar nosso potencial, se não forem trabalhadas. Conecte-se com sua ancestralidade, identificando seu lugar de pertencimento; aqueles que desconhecem têm a oportunidade de conhecer.

Conclui-se que, para a reparação desses processos de apagamentos, devemos repensar a educação. Precisamos de mais legislações e investimentos para viabilizar a aplicabilidade dessas mudanças, além de mais políticas públicas e ações afirmativas que coloquem a escola como o local responsável por garantir o fortalecimento da identidade cultural e pessoal das crianças. Ao aprender sobre sua própria ancestralidade em um contexto positivo, as crianças desenvolvem um senso mais profundo de pertencimento e honra aos que vieram antes.

REFERÊNCIAS

ADEOLA, Dapo. **Ei, você:** Um livro sobre crescer com orgulho de ser negro Tradução: Stefano Volp. Companhia das Letrinhas; 1ª edição. 2021.

ANDRADE, Inaldete Pinheiro. Construindo a auto-estima da criança negra. In: MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o Racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005.



BERNARDINO-COSTA, Joaze. **Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros**: em busca de um diálogo horizontal. *Sociedade e Estado*, 33 (1), 119-135. 2018.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSFOGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. *Revista Sociedade e Estado* – Volume 31 Número 1. 2016.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico raciais e para o ensino da História afro-brasileira e africana**. Brasília/DF, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARTH, John Land **A Base Nacional Comum Curricular e a aplicação da política de Educação para Educação das Relações Étnico-Raciais** (afro-brasileira, quilombola, cigana). 2019. Disponível em: <http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/artigos/A-BNCC2018-e-a-ERER.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. Scripta, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 33. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Identidade Negra. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S. l.], v. 9, p. 38–47, 2002.

hooks, bell. **Meu crespo é de rainha**. Tradução: Nina Rizzi. São Paulo: Boitatá, 2018.

LIMA, Anna Paula Bahia Pessanha. **Literatura infantil e identidade negra nos anos iniciais**: o protagonismo negro como ação afirmativa na construção da identidade racial e para uma educação antirracista. 2023.

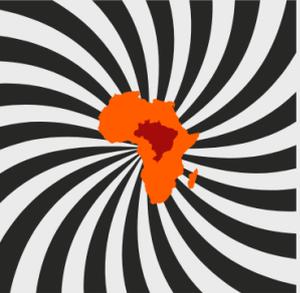
MATTAR, João; RAMOS, Daniela Karine. **Metodologia da Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2021.

NUNES, Davi. **Bucala**: a pequena princesa do Quilombo do Cabula, Editora: MALÊ. 2019.

OLIVEIRA, Noemi de. **Possibilidades para uma abordagem positiva, significativa antirracista e anti-sexista a partir da Literatura Infantil**. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2023.

QUEIROZ, Kelly Jessie Marques; LIMA, Vanessa Aparecida Alves de. Método Clínico piagetiano nos estudos sobre Psicologia Moral: o uso de dilemas. Schème: **Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, v. 3, n. 5, 2010.

SILVA, Ana Célia da. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.



SOTERO, Edulza Correia; PEREIRA, Ilaina Damasceno; SANTOS, Sônia Beatriz dos. PEDAGOGIAS NEGRAS: O antirracismo, o bem viver e a corporeidade. **Revista Inter-Ação, Goiânia**, v. 46, n. 3, p. 1314–1329, 2021. DOI: 10.5216/ia.v46i3.70669.

VIEIRA, S. **Literatura Infantil Negra**: Possibilidades para a Construção de uma Educação Antirracista na Educação Infantil da Creche São Miguel, Crato - Ceará. Tese (Mestrado em Profissional em Educação - MPEDU) - Universidade Regional do Cariri - URCA, Ceará, 2021.

Enviado em: 27/12/2024
Aceito em: 20/02/2025